

LEITURA NA EJA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Denis Fernandes de Oliveira (UERJ)

defeol2002@yahoo.com.br

Monique Silva Gern de Araujo (UERJ)

moniquegern@hotmail.com

Rita Carolina Ribeiro Martins (UERJ)

ritacarolina@bol.com.br

1. Introdução

O presente trabalho objetiva apresentar uma reflexão sobre a leitura na Educação de Jovens e Adultos (EJA), baseada na experiência como bolsistas de iniciação científica no projeto de pesquisa *Ler, refletir, expressar: uma proposta de ensino de Língua Portuguesa para a Educação de Jovens e Adultos (EJA)*, coordenado pela Prof^a Dr^a Maria Teresa Gonçalves Pereira (UERJ). A pesquisa está dividida em duas partes: teórica, acontece na própria universidade, onde adquirimos e ampliamos o embasamento teórico tanto para o projeto como para nossa formação como um todo, estudando temas relacionados à língua portuguesa, literatura, linguística, ensino e EJA; prática, na qual atuamos como observadores e corregentes nas aulas de língua portuguesa no curso noturno do Colégio Santo Inácio, Botafogo, Rio de Janeiro – RJ.

2. Nossa prática: O curso noturno e o trabalho com a língua portuguesa

Reconhecido pela tradição no ensino e sendo um colégio jesuíta frequentado pela classe média alta carioca, no período diurno, o Colégio Santo Inácio oferece à sociedade o curso destinado à EJA. No período noturno, jovens e adultos, que por motivos diversos não tiveram a oportunidade de estudar na fase regular de suas vidas, voltam às salas de aula com o intuito de recuperar o tempo perdido. Em sua grande maioria, o alunado é formado por domésticas, seguranças, porteiros, cabelereiros, manicures, garis, pedreiros, jardineiros, donas de casa, dentre outros, geralmente nordestinos, vindos de Pernambuco, Ceará e Paraíba.

O trabalho com a língua portuguesa no curso noturno possui como principal característica a busca pela articulação entre leitura, produção escrita e gramática. Na medida do possível, nega-se a memorização gra-

tuita de termos gramaticais e de qualquer outro fenômeno linguístico, já que o discente é levado a compreender eventos da língua por meio do sentido e refletir criticamente a aplicabilidade de tais eventos na sua vida diária e, principalmente, nas relações sociais em que está inserido.

Ressalte-se que não há uma ‘mutilação’ de conteúdos a fim de simplificar o que, na concepção errônea de muitos, o aluno da EJA não conseguiria alcançar, mas uma seleção dos realmente necessários e fundamentais para a boa expressão oral e escrita, uma vez que, dessa forma, o aluno visa à ascensão social, sendo transmitidos por uma abordagem que considera primordialmente as peculiaridades do público em questão.

Nas aulas, o conhecimento prévio dos alunos possui um grande espaço de valorização. Desse modo, a partir do que já conhecem, do que já experienciaram em suas vidas, os professores direcionam as atividades, tornando as leituras realizadas em sala e os assuntos discutidos mais ricos e prazerosos. Acreditamos que somente em um ambiente como esse, propício a constantes trocas, o aluno, principalmente da EJA, pode se desenvolver plenamente como um indivíduo dotado de capacidade de reflexão crítica e, no que se refere ao ensino/aprendizagem de língua portuguesa, um usuário competente de sua própria língua, um cidadão consciente da articulação de uma das maiores marcas de sua identidade cultural: sua própria língua. Todo esse desenvolvimento se torna possível porque, ao ver suas vivências tomadas pelo professor como ponto de partida para uma reflexão maior e como norteadoras de atividades posteriores, o aluno passa também a valorizar-se naquele processo de ensino/aprendizagem, enxergando-se como capaz de se posicionar em relação a um dado conhecimento, uma vez que “entender não é reconhecer um sentido invariável, mas ‘construir’ o sentido de uma forma no contexto no qual ele aparece” (GNERRE, 1994).

Assim, o trabalho volta-se para a libertação desse aluno como ser capaz de produzir conhecimento e não apenas reproduzi-lo. Citamos a dedicatória feita pelo professor José Enildo Elias Bezerra, em “A questão da oralidade na educação de jovens e adultos: um estudo de caso”:

A todos os professores e professoras que não trabalham para a reprodução e dependência, educam para a autonomia e a independência intelectual e social de todos os homens e mulheres (grifo nosso).

Por meio da viabilização da independência intelectual do discente e de sua adequada instrumentalização linguística é que este alcançará a almejada inclusão social, que se dá ou se visualiza pela mudança em co-

mo o indivíduo se coloca linguisticamente nas mais diversas situações comunicativas.

3. *Leitura na EJA*

É de prática comum pensar a leitura para a educação de jovens e adultos somente no sentido pragmático e quando esse não é o único é, sem sombra de dúvidas, o mais priorizado e valorizado no processo de ensino/aprendizagem.

Evidentemente, o aluno volta à escola em busca de ‘ferramentas’ que o auxiliarão ou habilitarão a uma ascensão no meio social em que vive: leitura e escrita, já que é por meio da variação linguística utilizada que se dá a imediata identificação da camada social na qual um indivíduo está inserido e, nesse sentido, consideramos a relação, feita por Gnerre (1994), entre palavra e poder: a variedade linguística vale pelo reflexo do poder e da autoridade que seus falantes exercem nas relações econômicas e sociais da sociedade. Assim, esse alunado conclui, não erroneamente, que dominar bem a língua significa ascender socialmente, significa significar mais no âmbito das relações sociais. Para tanto, conclui-se, agora sim erroneamente, que a leitura tomada em sua acepção pragmática é bastante, que essa abordagem dá conta de proporcionar uma resposta positiva para os anseios do aluno. Cabe refletir, portanto, até que ponto oferecer somente tal leitura (sentido pragmático) o tornará um cidadão participante da cultura do seu país, reconhecendo-se como agente formador da cultura e da identidade do seu povo, bem como produtor de sentidos autônomo e não mero reprodutor de sentidos produzidos por outros.

Desse modo, tomaremos o sentido de leitura não só como atividade de decodificação, mas, como exercício de prazer e apreciação estética. Mostraremos, por meio de dados empíricos, exemplos de atividades pensadas e elaboradas visando conduzir o aluno de um conceito de leitura apenas como boa decodificação para a ascensão social ao ato de leitura como fruição, sendo o texto literário carro-chefe das colocações, tendo em vista que a leitura literária assume papel relevante para desenvolver a crítica e a sensibilidade, porém não a única modalidade textual utilizada.

Nas aulas em que se trabalham a leitura, as estratégias se realizam mediante textos dos mais variados gêneros e linguagens. Priorizam-se todas as maneiras de ler, como a leitura em voz alta em grupo, a individual e a leitura silenciosa. A primeira consegue ajudar a todos na medida em que uns acompanham o ritmo dos outros e isso favorece a expressão

oral, além de os possíveis “erros”, nessa leitura inicial, tornarem-se do grupo e não de um aluno apenas. A segunda propicia o aparecimento dos problemas que devem ser percebidos pelo professor para um encaminhamento à resolução, tais como a falta de pontuação na leitura, a entoação inadequada, a pronúncia de determinados fonemas, entre outros. Já a terceira, que geralmente é a primeira solicitada pelo professor em aula, é a mais adequada para o aluno ir se acostumando com a materialidade do texto em questão, para compreender e internalizar melhor determinados detalhes do texto que em uma leitura em voz alta passariam despercebidos.

É evidente que tudo isto não ocorre sem que haja uma interação. A leitura é sempre contextualizada, inclusive os temas trazidos, inicial e constantemente, pois são diretamente relacionados com a realidade deles. Busca-se partir da realidade do aluno, usando o seu conhecimento de mundo, para conduzi-lo até realidades outras, por meio da leitura, principalmente a dos textos literários. Não se objetiva, de modo algum, usar a realidade do aluno como única fonte de discussão e reflexão, ao contrário, parte-se dela para o alcance de várias outras. Se não o fosse, estaríamos negando o poder de transformação da educação e, mais particularmente, da leitura. A chave é sempre ampliar o que se tem de arcabouço e nunca se estagnar pela, muitas vezes atraente, possibilidade de acomodação.

Há sempre um trabalho de ambientação do texto, um trabalho de preleitura e, para tanto, o professor traz elementos da vivência deles para o mundo do texto. Da mesma forma que há uma posleitura. O professor deve atuar como mediador entre o texto, o aluno, o mundo das vivências e o mundo textual. E como mediador, ele não deve, em hipótese alguma, impor sua leitura de um determinado texto como a única possível e aceitável, visto que o alunado da EJA tem peculiaridades que lhes possibilitarão leituras um tanto distintas da do professor. Cabe ao professor ponderar o que se pode aproveitar de cada uma das leituras, encaminhando sempre os alunos à construção do pensamento e do conhecimento textual. O papel do professor é extremamente importante nesse processo, principal e fundamentalmente no que tange à educação de jovens e adultos, é ele quem vai estabelecer ou conduzi-los nos primeiros contatos com o universo da palavra. Sempre que possível, os professores tentam destacar o poder do leitor na leitura, principalmente de poemas, já que recomendam uma leitura sensível do texto.

Nunca se lê sozinho, não se lê para si mesmo numa ilha deserta, mesmo que, durante o tempo da leitura, os leitores possam experimentar esse distanciamento do mundo que os cerca e acreditem que estão sós com seus heróis de ficção. Mas, fechada a última página, reencontramos o mundo dos homens, e a

virtude dos livros é a de mudar, pela ficção, nosso olhar sobre a realidade.
(CHARTIER, 2005)

Como citado anteriormente, trabalham-se os mais diversos gêneros e linguagens textuais, textos literários e não literários, como poemas, pequenos contos, trechos de variados textos em prosa, canções, dentre outros. Quanto aos autores, também são diversos. Trabalha-se dos clássicos aos mais contemporâneos, incluindo os próprios alunos.

O Colégio Santo Inácio publica, a cada dois anos, um livro chamado *Falas*, composto integralmente por textos produzidos pelos alunos das mais diferentes fases e que abordam os mais variados temas, de acordo com suas vivências particulares. Esse é um tipo de atividade de leitura interessante porque os alunos se tornam e se veem como leitores do próprio texto e, mais que isto, orgulham-se dessa posição. Para eles, é uma experiência ao mesmo tempo de afastamento e aproximação.

Além do já citado, também são promovidas rodas de leitura, com o intuito de fazê-los se aproximar e se debruçar sobre os textos selecionados.

Partindo de tudo o que foi dito, faremos breves relatos de exemplos de atividades que os ilustrem adequadamente:

3.1. Atividade I

A primeira atividade foi realizada em uma turma de 1ª fase. Os alunos deveriam ler o poema várias vezes, em uma leitura silenciosa. Após esse tempo de reflexão, eles leram para a professora. Ao fim, a professora leu junto com eles.

Para a ambientação ou aproximação entre o leitor e o texto, a professora conversou com os alunos sobre o que seria um pomar, se na terra deles tinha, como era. Além disso, trabalhou-se também o vocabulário do texto sempre guardando as devidas proporções de ligações com os elementos presentes em suas realidades. O texto era *Pomar*, de Henriqueta Lisboa.

Essa atividade se tornou interessantíssima porque muitos dos alunos fizeram ligações com suas infâncias, além de demonstrarem muita vontade de ler mais poemas desse tipo.

3.2. Atividade II

Em outra atividade e fase, trabalhou-se “Arte de ser feliz”, de Cecília Meireles:

Houve um tempo em que minha janela se abria
sobre uma cidade que parecia ser feita de giz.
Perto da janela havia um pequeno jardim quase seco.
Era uma época de estiagem, de terra esfarelada,
e o jardim parecia morto.
Mas todas as manhãs vinha um pobre com um balde,
e, em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas.
Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse.
E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de
seus dedos magros e meu coração ficava completamente feliz.
Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor.
Outras vezes encontro nuvens espessas.
Avisto crianças que vão para a escola.
Pardais que pulam pelo muro.
Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais.
Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar.
Marimbondos que sempre me parecem personagens de Lope de Vega.
Às vezes, um galo canta.
Às vezes, um avião passa.
Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino.
E eu me sinto completamente feliz.
Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas,
que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem,
outros que só existem diante das minhas janelas, e outros,
finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

(<http://www.casadobruco.com.br/poesia/c/aarte.htm>)

Os alunos fizeram primeiro uma leitura silenciosa e depois leram um para o outro. A aproximação se deu de imediato por conta dos elementos que recordavam os tempos da infância, das dificuldades e felicidades da mesma. Ao final a professora propôs a escrita de um pequeno texto sobre o que para eles era ser feliz. Esse foi o momento crucial no processo que estamos nos referindo ao longo de todo o artigo, visto que ao escrever um texto próprio “baseado” no texto lido, o aluno se aproxima muito mais do texto.

3.3. Atividade III

Certa vez, uma professora passou uma atividade que tinha como base o “*Falas*”. Os alunos escolheriam um texto do livro, fazendo a leitura em voz alta e, ao final, deveriam dizer o motivo pelo qual o seleciona-

ram. Assim, cada um fez sua leitura, mas se enfatiza a de duas pessoas que conseguiram emocionar toda a turma. A aluna leu um texto em que se tratava da dificuldade de engravidar. Sempre se tentava, mas, depois de muito tempo a “personagem” conseguiu ter dois filhos. Além disso, relatava também a vida bem sucedida que eles estavam caminhando para ter, visto que tiveram a oportunidade de estudar e um já estava ingressando na faculdade. A aluna tem uma história bastante parecida com essa e, ao ler, ficou tão emocionada ao ponto de chorar.

3.4. Atividade IV

Outro caso foi de um aluno que trouxe um tema recorrente na vida da maioria deles. Tratava-se da saudade dos familiares e dos objetivos que não poderiam ser abandonados:

Dificuldade

Minha maior dificuldade é estar aqui no Rio de Janeiro longe de meus familiares, pois tudo o que a gente quer é estar perto de quem a gente gosta. E a distância se torna uma dificuldade.

Às vezes, a gente pensa em voltar, então vê que isto não é possível, pois já estamos comprometidos com trabalho e outras situações e isto é uma dificuldade. Mesmo assim acredito que vou conseguir vencer mais esta etapa da vida.

Não importa quantas dificuldades virão. Vamos ser capazes de enfrentar e conseguir nossos objetivos. Todos nós temos dificuldades na vida, mas devemos estar preparados para não desanimar e seguir em frente.

Adriano Laureano dos Santos
4º fase B- 2009 (p. 41)

3.5. Atividade V

Outra atividade proposta coloca em prática a leitura em casa e traz para sala de aula uma apresentação de teatro-reportagem. A professora pediu que eles se dividissem em grupos e selecionou três livros para que depois cada grupo apresentasse em encenação ou reportagem um trecho do livro. Uma aluna, portanto, ao se apresentar, atuou no papel da personagem principal; era uma moça que vinha do interior para a cidade e não se acostumou com a nova vida, ficando retraída e infeliz. Ao final da apresentação, a aluna que atuava trouxe para sua realidade, contando que

seu pai passou pela mesma situação que a personagem e morreu, efetivamente, de tristeza.

Diante disto, se observa que os alunos “entram” nas histórias, pois a associação com suas realidades é imensa, e eles externam suas experiências.

Cabe lembrar que os motivos pelos quais os alunos querem aprender a ler são inúmeros, porém, vale ressaltar alguns, como o fato de poder ajudar seus filhos na feitura de exercícios escolares, no prazer de ler para que possam atuar com criticidade nas várias “armadilhas” da vida e para que consigam melhorar em seus ambientes laborais, seja mudando de cargo ou não. Uma aluna relatou que agora, por saber ler, conseguia compreender perfeitamente os bilhetes que sua patroa deixava para ela constantemente.

Muitas vezes, os professores fazem debates em sala de aula, como forma de avaliar a evolução dos alunos. Perguntam como está a leitura na vida deles, quais são os motivos que ainda atrapalham o ato de ler, e eles responderam que a melhora na fala e na escrita foi imensa. Em contrapartida, disseram também que as dificuldades que ainda persistem são devidas à ansiedade e à vergonha, pois, nos trabalhos em que eles devem ler em voz alta, querem pronunciar tudo corretamente e rápido, assim, acabam se atrapalhando. Os professores, entretanto, sabem lidar com isso perfeitamente, sempre pedem calma e, ao final das leituras de todos, falam que cada um tem seu momento, seu ritmo e que todos devem se respeitar.

4. Considerações Finais

Todos estes fatores contribuem para a efetiva inclusão social, haja vista que o alunado da educação de jovens e adultos, em sua maioria, sempre passou por dificuldades na vida por não saber ler nem escrever. Sente-se, agora, sujeito de suas próprias palavras.

Ademais, o papel do professor como mediador no processo de leitura torna-se fundamental, uma vez que favorece e potencializa a aproximação/reconhecimento do aluno, agora leitor, com o texto. O professor disponibiliza para os alunos a sua leitura como uma das possíveis e não a única viável, assim eles sentem-se capazes de interpretar não somente diversos textos, mas diversas realidades. Por meio disso, transformam-se

em sujeitos ativos, aptos a se colocar mediante qualquer situação comunicativa, bem como as diferentes situações da vida cotidiana.

Quando o discente consegue ler os variados tipos de textos (verbais e não verbais), insere-se na vida cultural de seu país, estabelecendo uma relação interativa com ela. Ressalte-se aqui o valor do texto literário como representante da cultura de um povo, formador da identidade do mesmo.

Diante disso, concluímos que o trabalho com a leitura deve proporcionar um caminho desde a inclusão social até o prazer e o gosto estético, estando sempre baseado nas especificidades dos alunos da EJA. Quando o aluno está instrumentalizado para fazer uma leitura que esteja além da mera decodificação, uma leitura de sentidos, torna-se capaz de ler a si mesmo e, a partir dessa leitura pessoal, ler o mundo que o cerca.

REFERENCIA BIBLIOGRAFIA

BEZERRA, José Enildo Elias. *A questão da oralidade na educação de jovens e adultos: um estudo de caso*. Olinda: Livro Rápido, 2009.

BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani; MARTINS, Aracy Alves (Orgs.). *A escolarização da leitura literária: O jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CADEMARTORI, Ligia. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. Ática. São Paulo: 2002.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005.

VALENTE, Lúcia; LAGO, Ana Lúcia Cordeiro (Orgs.). *Falas: coletânea de textos*. Rio de Janeiro: Caetés, 2008, 2009.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Orgs.). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1991.